

A UNIDADE ORGÂNICA DA ESQUERDA SOCIALISTA

Antônio Houaiss e Roberto Amaral Vieira

Qualquer regime razoavelmente democrático depende de um sistema de partidos razoavelmente livre e consolidado. Ora, sem partidos não há horizontes possíveis, não há horizontes políticos — entendendo por horizontes políticos possíveis os horizontes políticos democráticos sociais — isto é, sem a fome da imensa maioria, imensa maioria sem educação e sem instrução, sem saúde e sem sanitariedade, em suma, sem um pseudo-Brasil que só conhece a menos de 30% dos seus filhos. Ou seja, sem que menos de 1%, a imensa minoria, tenha vida nababesca e marajônica — com direito a vida “privada” e a vilegiaturas as mais exóticas — para que os outros vegetem na miséria nacional.

Os partidos — essa instituição fundamental da vida político-democrática que no entanto sobrevive — no quadro brasileiro de hoje, podem, *grosso modo*, oferecer dois modelos de estruturação, a saber: a) partidos nos quais a existência de tendências diferenciais é admitida, subordinada, todavia, nas questões substantivas, à obediência às decisões partidárias coletivas em que concorrem em igualdade de condições; e b) partidos nos quais, ademais dessas tendências, é admitida a existência de tendências outras, organizadas, autônomas, com direção própria, formal ou informal.

Alguns partidos buscam alinhar-se no modelo supra, como é o caso do PSB. Fora dessa tentativa de classificação, estão os partidos leninistas-ortodoxos e, deles hoje apartadas, as organizações que não assimilaram preferentemente a via legal como instrumento de conquista do poder. À margem dessa tentativa de classificação estão ainda os movimentos, ou partidos-frente, ou partidos-ônibus, ou partidos-Kombi, como queiram: aqueles ajuntamentos de interesses que não perseguem um projeto comum e coletivo de tomada do poder e organização do governo. Dispensados os exemplos.

Para quem acompanha a evolução dos acontecimentos internacionais, a via legal e pluralista na Europa desenvolvida e em grande parte da América Latina é a só alternativa oferecida à democracia e às conquistas sociais, se não se quiser o aventureirismo e o catastrofismo do quanto-pior-melhor, posto que, sabemos já, quanto-pior, pior mesmo. É também a via pela qual é possível construirmos um mundo em que se buscará, progressivamente, espancar o espectro da guerra, mais, o espectro da guerra total, seja, o espectro da extinção da espécie. Em nossos países, um genocídio silencioso, sem tiros, sem cogumelos atômicos; aqui, a espécie se extingue de fome. A condição humana se degrada, a humanidade se animaliza na miséria abjeta que anula a cidadania.

A vocação ao unipartidarismo está arraigada nos sonhos dos políticos de direita — donde as ditaduras sem-número

que o confirmam ao longo da história do mundo moderno —, como também o foi nas políticas de esquerda, a partir da revolução bolchevique.

Os eventos do leste-europeu desta hora estão ensinando que aquela política era uma doença senil do direito; esses eventos abrem caminho pra a afirmação inequívoca do pluripartidarismo e para a função construtiva, sem exclusivismo, do socialismo democrático — ou da democracia socialista — que continua, isso sim, a ser o farol de uma humanidade sem guerra, sem fome, sem exploração do homem pelo homem.

Ainda aqueles eventos do leste-europeu ensinam, finalmente, que a política de partidão, do grande e único partido de todas as esquerdas (brasileiras, em particular) é um velho cacoete da direita. E do stalinismo.

As novas concepções e as novas experiências — dentre elas destacando-se a formação e o desenvolvimento da Frente Brasil-Popular — mostram a possibilidade, até então controvertida, da unidade das esquerdas e do movimento popular. Mostram, igualmente, o seu veículo, a política de Frente, que unifica a cada conjuntura as diferenças, que devem ser respeitadas, entre partidos e movimentos de esquerda. Parece evidente — e aí a história recente do leste-europeu melhor relata — que o partido único é prática perempta. Há de ser substituída pelo pluralismo de partidos, de especial de partidos de esquerda, pela existência de tantas organizações a quantas corresponde o leque das divergências significativas.

É, fundamentalmente, por essa razão, que não parece corresponder à realidade do desenvolvimento político de nosso país a retomada de antigas propostas de organização de um grande e único partido de esquerda, como se fosse possível uma organização tão ampla que pudesse, sem descaracterizar-se, abranger espectro tão vasto. Entendemos exatamente o contrário, ou seja, que esta é a hora de fortalecermos os atuais partidos de esquerda, mesmo *lato sensu*, mesmo os não socialistas, e aprofundarmos entre nós a frutuosa prática da Frente. Isso é tanto mais correto quanto a nova disciplina eleitoral possibilita as coligações, tanto proporcionais quanto majoritárias, e, quanto a estas, enseja o segundo turno, modelo pelo qual tanto nos batemos para vê-lo consagrado na Constituição de 88.

Seja do ponto-de-vista tático, seja do ponto de vista estratégico, a política de frente, de frente de partidos, que pressupõe, é quase um truísmo, o pluralismo partidário, é a melhor política para o processo democrático como um todo, e, de particular, para o avanço das forças populares e socialistas.

Antônio Houaiss é escritor, filólogo e ex-presidente do PSB. Roberto Amaral Vieira é Secretário-Geral da Comissão Executiva Nacional do PSB.

A política de frente, para conservar-se vitoriosa, carecerá de partidos fortes a sustentá-la; como já dissemos, ela é incompatível com o monolitismo ou com a hegemonia que destrói o parceiro. Aliás, essa foi uma das dificuldades mais presentes na administração da Frente Brasil-Popular, a flagrante desproporção de forças entre os partidos seus integrantes. Se a longo prazo a luz da história ilumina o caminho da pleiteada unificação orgânica — vocativa e não compulsória — da esquerda socialista, a política prática requer desse projeto, hoje, a política de frente, de frente popular com hegemonia dos partidos de esquerda, que, por seu turno, requer, inafastavelmente, o pluralismo partidário e ainda o pluralismo de esquerda, mas o pluralismo de partidos em condições de promover o diálogo entre iguais, ou quase iguais.

A UNIDADE ORGÂNICA DA ESQUERDA SOCIALISTA

A consequência mais imediata da Frente Brasil-Popular será a unidade orgânica — vocativa — da esquerda socialista.

A política de frente indica a política de unificação orgânica da esquerda socialista; como unificação orgânica entendemos a consolidação institucional das diversas tendências em uma só estrutura partidária, propiciando a organização e a atuação efetiva de um Partido (um entre os demais, jamais um só partido) forte, flexível, ágil, militante, inserido no movimento social, capaz de assimilar, dar unidade e seqüência, conseqüente às mais variadas formas de luta, adequando-se à diversidade regional e às especificidades das reivindicações trabalhistas, com as quais estará substantivamente comprometido, sem jamais perder de vista a questão nacional predominante, à qual as questões regionais e estamentais estarão subordinadas, tática e estrategicamente. Vá-

Ainda aqueles eventos do leste-europeu ensinam, finalmente, que a política de partido, do grande e único partido de todas as esquerdas (brasileiras, em particular) é um velho cacoete da direita. E do stalinismo.

rios e diversificados são os passos que podem levar a esse partido da esquerda socialista — cujo estuário pode e deve ser o Partido Socialista Brasileiro —, o primeiro dos quais é a atuação comum e unificada na vida política real, no movimento social e na atividade parlamentar, tanto quanto na via eleitoral dos diversos segmentos e tendências socialistas. A pedagógica atuação comum — aprofundando em todos os segmentos laborais e na sociedade a experiência frutuosa da atuação comum da esquerda e dos progressistas na Constituinte — poderá consolidar-se mediante a elaboração de um programa comum da esquerda socialista, apontando para o ainda indefinido projeto nacional brasileiro socialista, isso do ponto de vista estratégico; e, do ponto de vista tático, indicando as alianças adequadas, os caminhos que poderão, deverão, levar um dia à socialização dos meios fundamentais de produção. Trata-se, portanto, de um reencontro histórico, necessário e inadiável da esquerda socialista e democrática, o qual poderá iniciar-se com a efetivação da atuação comum da militância nos vários campos de sua atuação política e partidária.

Uma vez mais, a sociedade, a vida prática, — a inserção social, — resolve os problemas que as lideranças têm dificuldade de encaminhar.